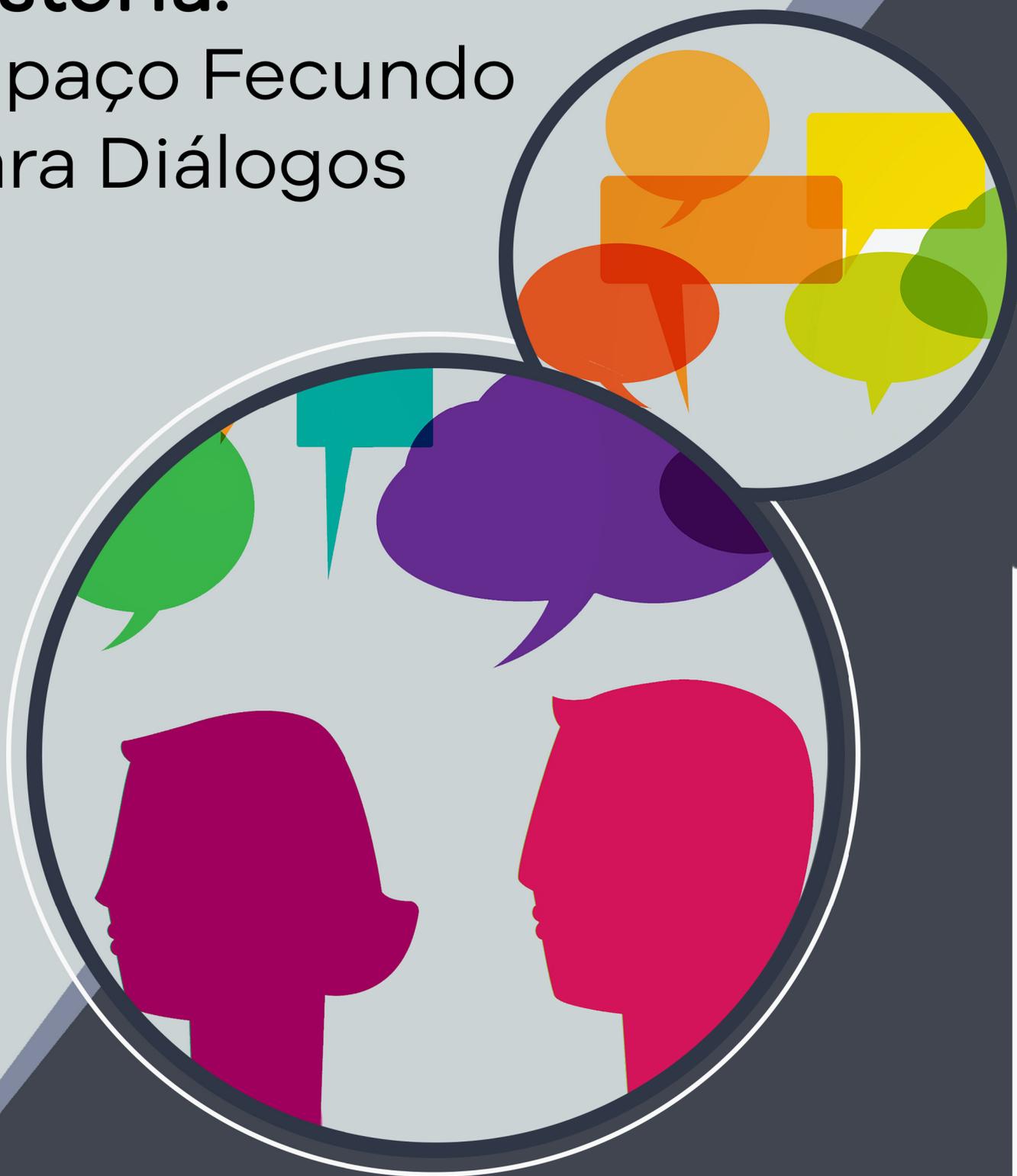


História:

Espaço Fecundo para Diálogos



Denise Pereira
Elizabeth Johansen
(Organizadoras)

Denise Pereira
Elizabeth Johansen
(Organizadoras)

História: Espaço Fecundo para Diálogos

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

| Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG) | |
|---|--|
| H673 | História [recurso eletrônico] : espaço fecundo para diálogos / Organizadoras Denise Pereira; Elizabeth Johansen. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-650-8 DOI 10.22533/at.ed.508192709 1. História – Filosofia. 2. Historiografia. 3. Historiadores. I.Pereira, Denise. II. Johansen, Elizabeth. CDD 907.2 |
| Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422 | |

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra *História: espaço fecundo para diálogos* oportuniza um olhar diferenciado ao campo da História. Perguntas recorrentes anteriormente como, a História é um campo com especialidades bem demarcadas ou, ao contrário, é tão múltipla que permite infinitas possibilidades de estudo da sociedade? Que “fontes históricas” os historiadores atuais têm acesso para problematizar a vida das sociedades de diferentes épocas? Essas questões, assim como outras, norteiam as discussões historiográficas contemporâneas e se fazem presentes nos diferentes artigos desse livro.

Ao apresentar métodos, aportes teóricos, objetos de estudo privilegiados e fontes históricas utilizadas evita-se delimitar o campo, mas propicia discutir as interconexões existentes entre as diferentes pesquisas divulgadas. Ao mesmo tempo, busca esclarecer as conexões possíveis entre História com outros campos do conhecimento como Sociologia, Antropologia, Geografia, Política, Educação, Religião, Literatura, Museologia, Arquitetura e Arte.

Estudar a sociedade por essa multiplicidade de perspectivas nos leva a constatar que a História é, cada vez mais, um exercício democrático que deve continuar ocupando o centro dos debates atuais.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Elizabeth Johansen

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| EM DEFESA DA OPÇÃO DECOLONIAL NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: POR UM FUTURO QUE NÃO REPITA O PASSADO | |
| <i>Jaqueline Berdian de Oliveira</i> <i>André da Silva Pereira</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.5081927091 | |
| CAPÍTULO 2 | 15 |
| ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: A FRONTEIRA NO <i>CANTO GENERAL</i> DE PABLO NERUDA | |
| <i>Gabriel de Souza Fagundes</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.5081927092 | |
| CAPÍTULO 3 | 27 |
| ENTRE CONCESSÕES E TENSÕES: A RELAÇÃO ENTRE SENHORES E ESCRAVOS EM PALMAS/PR (1860-1888) | |
| <i>Maria Cláudia de Oliveira Martins</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.5081927093 | |
| CAPÍTULO 4 | 37 |
| DISPUTAS DA MEMÓRIA: DAS FOSSAS ARDEATINAS À BOMBA NUCLEAR | |
| <i>Douglas Pastrello</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.5081927094 | |
| CAPÍTULO 5 | 47 |
| HISTÓRIA, PASSADO E MEMÓRIA: LEITURAS E APROXIMAÇÕES | |
| <i>Dehon da Silva Cavalcante</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.5081927095 | |
| CAPÍTULO 6 | 58 |
| NA DISPUTA DAS MEMÓRIAS: A CARACTERIZAÇÃO DOS OBJETIVOS DA LUTA ARMADA NA MEMÓRIA DE SEUS MILITANTES (1968 – 1972) | |
| <i>Vinícius de Oliveira Masseroni</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.5081927096 | |
| CAPÍTULO 7 | 74 |
| INTRODUÇÃO À ABORDAGEM HISTÓRICO-EDUCACIONAL | |
| <i>Adelcio Machado dos Santos</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.5081927097 | |
| CAPÍTULO 8 | 89 |
| EDUCAÇÃO: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DAS EX-INTERNAS DO COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO DE MONTES CLAROS NO SÉCULO XX | |
| <i>Elizabete Barbosa Carneiro</i> <i>Filomena Luciene Cordeiro Reis</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.5081927098 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 9 | 97 |
| O SISTEMA DE PENSAMENTO NOS MANUAIS DE ENSINO DO SEMINÁRIO EPISCOPAL DE SÃO PAULO (SEC.XIX) | |
| <i>Patrícia Carla de Melo Martins</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.5081927099 | |
| CAPÍTULO 10 | 108 |
| O ENTRELUGAR DO CAMPO ESTÉTICO MODA-ARTE: UM CONCEITO CONSTRUÍDO HISTORICAMENTE | |
| <i>Camila Carmona Dias</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270910 | |
| CAPÍTULO 11 | 120 |
| PATRIMÔNIOS RECONFIGURADOS: INTERVENÇÕES CONTEMPORÂNEAS EM EDIFÍCIOS HISTÓRICOS | |
| <i>Gerson Luís Trombetta</i> | |
| <i>Monique Villani</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270911 | |
| CAPÍTULO 12 | 132 |
| UM MUSEU EM DESENVOLVIMENTO: A EXPERIÊNCIA DO CENTRO CULTURAL CASTROLANDA – CASTRO (PR) | |
| <i>Maurício da Silva Selau</i> | |
| <i>João Paulo Corrêa</i> | |
| <i>Samara Hevelize Lima</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270912 | |
| CAPÍTULO 13 | 145 |
| MUSEU MUNICIPAL DE TRÊS ARROIOS A NARRATIVA DA HISTÓRIA NA EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO | |
| <i>Maurício da Silva Selau</i> | |
| <i>João Paulo Corrêa</i> | |
| <i>Fabíola Pezenatto</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270913 | |
| CAPÍTULO 14 | 157 |
| REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA HISTÓRIA DA MEDICINA | |
| <i>Ana Cláudia de Araújo Santos</i> | |
| <i>Daiane Silva Carvalho</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270914 | |
| CAPÍTULO 15 | 170 |
| PROCESSOS CRIMES DE INFANTICÍDIO: DISPUTA PELA VERDADE, PODER E SUJEITOS | |
| <i>Paula Ribeiro Ciochetto</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270915 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 16 | 180 |
| A PRODUÇÃO DE VERDADES EM PROCESSOS CRIMINAIS DE VIOLÊNCIA CONTRA A VIDA: MALLETT-PR 1913 A 1945 | |
| <i>Júlio César Franco</i> | |
| <i>Hélio Sochodolak</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270916 | |
| CAPÍTULO 17 | 200 |
| RIQUEZA E SOCIEDADE NA COMARCA DE ARACAJU: UM ESTUDO SOBRE A DINÂMICA SOCIAL DA PRIMEIRA ELITE ARACAJUANA (1855-1889) | |
| <i>Bruna Morrana dos Santos</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270917 | |
| CAPÍTULO 18 | 211 |
| SENSIBILIDADES DE UM ESPAÇO: SER UMA PRINCESA NA MODERNIZAÇÃO REPUBLICANA – FEIRA DE SANTANA 1940 A 1950 | |
| <i>Cristiane Lima Santos Rocha</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270918 | |
| CAPÍTULO 19 | 219 |
| TRAFICO DE ESCRAVOS E FORMAÇÃO FAMILIAR NO TERMO DE SANTO ANTÔNIO DA BARRA – BA (1860-1888) | |
| <i>Célio Augusto de Oliveira</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270919 | |
| CAPÍTULO 20 | 228 |
| ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES HISTÓRICAS PARA O COMPLEXO TERRENO EVANGÉLICO BRASILEIRO | |
| <i>Maralice Maschio</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270920 | |
| CAPÍTULO 21 | 241 |
| “DITADURA NO AR”: UMA VISÃO SOBRE A DITADURA CIVIL MILITAR | |
| <i>Lucas Marques Vilhena Motta</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270921 | |
| CAPÍTULO 22 | 254 |
| A PROVÍNCIA EM PRINCÍPIO, A FRONTEIRA POR MEIO E O IMPÉRIO POR FIM: NETO E CANABARRO NA GUERRA DO PARAGUAI (1864-1865) | |
| <i>Cesar Augusto Barcellos Guazzelli</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270922 | |
| CAPÍTULO 23 | 265 |
| ANÁLISE ICONOGRÁFICA DAS AÇÕES CIVICO-SOCIAIS DO EXÉRCITO NA FRONTEIRA BRASIL/ARGENTINA NA DÉCADA DE 1970 | |
| <i>Ronaldo Zatta</i> | |
| <i>Ismael Antônio Vannini</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270923 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 24 | 276 |
| AS DOZE QUESTÕES FUNDAMENTAIS DE KARL DEUTSCH E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS ENTRE IRÃ E EUA APÓS A REVOLUÇÃO IRANIANA DE 1979 | |
| <i>David Anderson Zanoni</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270924 | |
| CAPÍTULO 25 | 291 |
| CONTEXTO POLÍTICO JURÍDICO BRASILEIRO DA IMPLEMENTAÇÃO DOS ASSENTAMENTOS NA FAZENDA ANNONI | |
| <i>Simone Lopes Dickel</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270925 | |
| CAPÍTULO 26 | 308 |
| DISPUTAS POLÍTICAS NA PRIMEIRA REPÚBLICA BRASILEIRA: A CHEFIA DE ARTHUR BERNARDES NO <i>CIDADE DA VIÇOSA</i> | |
| <i>Natália Fraga de Oliveira</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270926 | |
| CAPÍTULO 27 | 318 |
| CRIANÇA INDÍGENA NO BRASIL: O ESTADO DO CONHECIMENTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA NACIONAL | |
| <i>Epaminondas Reis Alves</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270927 | |
| CAPÍTULO 28 | 326 |
| A CAPOEIRA NOS SÉCULOS XIX E XX: DO PODER DISCIPLINAR AO SURGIMENTO DA SOCIEDADE REGULADORA | |
| <i>Jonatan dos Santos Silva</i> | |
| <i>Felipe Eduardo Ferreira Marta</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270928 | |
| CAPÍTULO 29 | 337 |
| A HISTÓRIA POLÍTICA APÓS 30 ANOS DA PUBLICAÇÃO ORGANIZADA POR RENÉ RÉMOND: POSSIBILIDADES ATUAIS DE PESQUISA TENDO COMO OBJETOS GETÚLIO VARGAS E LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA | |
| <i>Gabriel da Silva Ferreira</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270929 | |
| CAPÍTULO 30 | 349 |
| A ELITE POLÍTICA DA BAHIA NO SÉCULO XIX: OS MEMBROS DO CONSELHO GERAL DE PROVÍNCIA (1828-1834) | |
| <i>Nora de Cassia Gomes de Oliveira</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270930 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 31 | 364 |
| A ESTRUTURA FÍSICA DOS CENTROS DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO – CASES COMO INSTRUMENTO DAS (IM) POSSIBILIDADES DE FAVORECIMENTO DE MOBILIDADE DO DESENVOLVIMENTO PESSOAL E SOCIAL DOS ADOLESCENTES E JOVENS PRIVADOS DE LIBERDADE NO ESTADO DE PERNAMBUCO | |
| <i>Maria Lucia Cavalcante</i> | |
| <i>Maria da Conceição Barros Costa Lima</i> | |
| <i>Laís Cavalcanti de Sá Nogueira</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270931 | |
| CAPÍTULO 32 | 373 |
| A FERRO E FOGO: SIMBOLOGIA NA MARCAÇÃO DO GADO NOS CAMPOS DE PALMAS: 1887 – 1938 | |
| <i>Fabiana Mathias Roncatto</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270932 | |
| CAPÍTULO 33 | 384 |
| A REINVENÇÃO DA NATUREZA: OS IMPACTOS DA INDÚSTRIA SUCROALCOOLEIRA EM GOIÁS | |
| <i>Rodrigo Jurucê Mattos Gonçalves</i> | |
| <i>Rayza Correa Alves Gonçalves</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270933 | |
| CAPÍTULO 34 | 393 |
| A IMPORTÂNCIA DO MUSEU ARQUEOLÓGICO E HISTÓRICO DE COXIM – MS COMO LINGUAGEM PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL | |
| <i>Rosana Carla Gonçalves Gomes Cintra</i> | |
| <i>Douglas Proença de Santana</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270934 | |
| SOBRE AS ORGANIZADORAS | 403 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 404 |

A FERRO E FOGO: SIMBOLOGIA NA MARCAÇÃO DO GADO NOS CAMPOS DE PALMAS: 1887 – 1938

Fabiana Mathias Roncatto

Universidade Estadual do Centro Oeste

Irati – Paraná

simbologia; marcas de ferro; poder.

BY IRON AND FIRE: SYMBOLOGY IN CATTLE MARKING AT PALMAS' FIELDS: 1887-1938

RESUMO: O presente artigo visa analisar as marcas utilizadas para ferrar o gado nos Campos de Palmas 1887 – 1938, de acordo com estudos realizados nas documentações dos referidos anos. A pesquisa tende a discutir a tradição envolta das marcas de ferrar, seu poder simbólico e também cultural, os valores atribuídos pelo homem do “sertão”, a simbologia de posse, propriedade, a questão de natureza e territorialidade. Parte-se da perspectiva de que as marcas de ferrar o gado refletem contextos sociais específicos, que não se limitam a uma determinada região, mas boa parte do solo brasileiro. Nesse sentido, por meio deste trabalho pretende-se demonstrar a importância das marcas de ferrar o gado num contexto histórico, sua dimensão local, regional e global, o significado dessas marcas nas áreas pastoris estudadas, além de abordar a questão da introdução do gado na região dos Campos de Palmas. Busca-se demonstrar, dessa forma, que a tradição de marcar os animais é muito mais antiga do que parece ser e tem inúmeros significados variando de região para região, assumindo assim um caráter único e histórico.

PALAVRAS-CHAVE: Criadores de animais;

ABSTRACT: The present article aims to analyze the signals used to mark cattle at Palmas' fields between 1887 to 1938, according to the studies that were accomplished by me over this documentation. The research tends to argue about the tradition over the signals, their symbolic power and also cultural, their values given by countryside men, the possession itself and the meaning of it, the nature and territoriality issue. I go from the perspective that these signals reflect specific social contexts, and they are not limited to certain regions, but a good part of Brazil's territory. In this sense, I aim to demonstrate through this paper the importance of the signals to mark cattle in a historical context, its local, regional, and global dimension, the meaning of these signals over the studied areas, and beyond to explain the issue of the cattle introduction in Palmas' fields. Our goal is to demonstrate in this way that the tradition to mark the animals is more ancient than it seems, and there are a lot of meaning depending on region to region, assuming like this a unique and historical aspect.

KEYWORDS: Animal breeders; signals; iron marks; power.

1 | INTRODUÇÃO

O município de Palmas está localizado em uma região de grande variedade de campos, facilitando assim além da agricultura e cultivo de frutas, a criação de animais de variadas espécies, dentre as quais podemos citar algumas como, muares, cavalares, suínos e o mais forte e comum: o gado vacum.

Nesses campos desde a sua colonização e o seu povoamento a principal mão de obra era a escrava e também aquelas subordinadas aos grandes coronéis que detinham a maior parte das fazendas de criação e cultivo de alimentos. Consequente a isso, inúmeros animais vão ser criados e transportados para feiras e comércios em geral em todo o território nacional.

A partir dessa criação de animais, os grandes fazendeiros viram a necessidade de se criar marcas para queimar o couro de suas reses e assim firmar sua soberania diante dos animais e da população em si, que ao notar o símbolo tatuado na pele sabia identificar a procedência e o criador do mesmo. Esses símbolos muitas vezes eram utilizados na pele dos escravos que pertenciam ao mesmo dono, assim o ser humano empunhava seu domínio não somente no animal, mas no próprio ser que pertencia a sua espécie.

Após um levantamento de fontes e dados para uma disciplina da pós-graduação e também para o projeto de seleção de mestrado, notou-se que sob os cuidados do IFPR- Instituto Federal do Paraná- Campus de Palmas estava o Livro 01 de Registro de Marcas e Sinais de Criadores de Animais 1887- 1938, com isso emergiu um interesse que se tornou maior quando começou uma busca por referências e notando que quase não há trabalhos nessa área, porém tem fonte e referencial que fundamenta a pesquisa, viu se uma oportunidade de valorização dos Campos de Palmas e também um melhor entendimento de uma tradição que se mantém até os dias de hoje.

Para um entendimento rápido o presente artigo se baseará em estudos realizados no Livro número 01 de Registro de Marcas e Sinais de Criadores de animais registrados entre os anos de 1887 a 1938 pela Câmara Municipal da cidade de Palmas– Paraná, LRMSCA (Livro 01 de Registro de Marcas e Sinais de Criadores de Animais 1887- 1938). Além de um referencial bibliográfico renomado no campo da História Regional e Cultural.

2 | PRIMEIROS VESTÍGIOS DA PRÁTICA DE MARCAÇÃO

O ato de ferrar animais é mais antigo do que podemos imaginar, mesmo antes desses animais serem trazidos para a América e até mesmo serem utilizados pelos Europeus. Há indícios e registros que remetem à pratica e criar e também de ferrar os animais ainda no Egito antigo, onde este método era utilizado mais para evitar o roubo das reses, sendo datado esse tipo de marcação a cerca de 4.000 anos.

Podemos observar isso no livro do arqueólogo Pierre Montet, aonde se tem

citações mais antigas sobre as tradições do Antigo Egito, entre elas a marcação do gado:

Uma excelente precaução contra o roubo era marcar as reses. [...] Vacas e bezerras são reunidos num canto do pasto; uma por uma, cada rês é laçada. Com patas amarradas, ela é derrubada como se fosse abatê-la. Os operadores aquecem o ferro num fogareiro e imprimem-no na espádua direita (MONTET, 1989, p. 130).

Além do Antigo Egito, temos fontes que relatam esse tipo de cultura de marcações na Grécia e posteriormente em Roma. Sendo assim incorporadas na Península Ibérica e conseqüentemente mais tarde chegando a Portugal. Após a chegada dos colonizadores portugueses ao Brasil, por volta de 1551 mais ou menos sob o governo então de Tomé de Sousa é introduzido o gado em solo brasileiro. Não sabendo ao certo se estes chegaram com as marcas de seus antigos donos, ou se foram marcados aqui mesmo.

3 | INTRODUÇÃO DAS MARCAS NO BRASIL

Portugal já realizava essa tradição, que atravessou o Atlântico e continuou a ser utilizada e disseminada na Colônia que estava sendo povoada em todos os aspectos. Assim podemos dizer que após a chegada do gado, este foi sendo levado e espalhado para quase todos os lugares do Brasil.

Formando latifúndios, esses “poderosos do sertão” conduziam não só as manadas de animais, mas também o destino dos homens. Aproveitando os caminhos abertos pelo gado, impulsionaram os deslocamentos da população pelo interior, adentrando regiões inóspitas e fundando povoados (FERREIRA, 2002, p. 27).

Chegando então, ao Sul do Brasil, mais especificamente nos 3 Estados que compõem a região hoje. Espalhando-se de forma selvagem ou não, sendo assim também observada a cultura e disseminação das marcas de ferrar estes animais e suas simbologias.

Temos os estudos desenvolvidos por Roger Chartier, que defende uma “história cultural” os quais determinam que “em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16-17). Com isso pode se entender que

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de um grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferido com a posição de quem os utiliza. [...]. As percepções do social não são de forma alguns discursos neutros: produzem estratégias e prática (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 1990, p. 17).

No século XVIII estava proibida a criação de muares em todas as capitanias do solo brasileiro, exceto a do Rio Grande do Sul, essa ordem partiu da coroa já que via a necessidade de exploração e ocupação deste território, além de ver a questão platina como uma ameaça. Assim, liberam a criação apenas para esta região tendo como ideia central o pertencimento de vez do Rio Grande do Sul ao território brasileiro.

Com isso, por algum tempo os futuros estados de SC e PR ficaram quase que no “esquecimento”, servindo apenas de rotas de passagens de tropeiros com seus rebanhos que seguiam rumo a Sorocaba ou Rio de Janeiro, ponto de exportação do então período. Ao final do século XVIII e início do XIX, começa a se abrir a questão de criação de gado em SC e PR, com um leve período de proibição, os criadores ficaram em recuo, porém vemos surgir nesse período o auge das criações nesses locais.

O Paraná que até então estava focado na extração do ouro de aluvião, logo percebe que a pecuária ganharia mais destaque, então vemos surgir fazendas e povoamento que desencadearam as ocupações territoriais, primeiramente no litoral e depois rumando mais para o interior, abrindo caminho assim, para que as tropas viessem do RS passando por SC e PR até chegarem ao destino final.

Como o percurso das tropas demorava meses, em 1730 com a criação do caminho de Viamão que ligava o Rio Grande a Sorocaba, as tropas chegam ao então território denominado Campos Gerais, aonde se vê o desenvolvimento de duas grandes cidades Guarapuava e posteriormente Palmas (está que será o foco principal de estudo), onde então as tropas descansavam antes de seguir viagem. Assim Romário Martins (1995, p. 20) relata:

O comércio e a criação de gado tiveram, pois, uma influência decisiva no povoamento do território paranaense, muito maior certamente que a mineração do ouro, que não fixava populações senão muito excepcionalmente como são os casos de Paranaguá no litoral e Curitiba e São José dos Pinhais no Planalto.

Gutiérrez (1986) afirma que os próprios fazendeiros paranaenses muitas vezes mandavam ou eles mesmos iam buscar animais sulinos entre eles, muares e cavalares para a venda. Incentivando assim a criação de novas fazendas tanto para criação de animais como para aluguéis de pastos as tropas sulinas. As fazendas de criar nesses territórios acabam então por se tornar uma espécie de “empresa”, tendo um papel fundamental na economia paranaense entre os séculos XVIII e XIX.

Mas como nem tudo anda conforme o planejado, as criações de SC e PR juntas não chegavam nem na metade da do RS, assim ambos não conseguiam ter “condições financeiras” que suprissem a demanda de melhorias nas estradas recém-abertas e nas cidades também recém povoadas. Assim, o Paraná em específico acaba por ser uma rota de coleta de impostos, para tentar amenizar os déficits comerciais, visto que a coroa julgou pertinente está implantação já que todas as tropas sulinas passavam pelo território paranaense.

E assim continuamente foram se instalando fazendas e criações, sejam estas

de muares, cavalares e bovinos (os mais criados no PR). Com as estradas abertas e interligadas há várias províncias, começa-se a instalar na região dos Campos Gerais, populações oriundas de São Paulo na tentativa de aprimorar a criação de gado, já que após muito estudo e disputas de terras com os nativos, os fazendeiros de SP conseguem se fixar e começar a criação de suas reses.

4 | OCUPAÇÃO E COLONIZAÇÃO DOS CAMPOS DE PALMAS

Após o povoamento de Guarapuava, viu-se a necessidade de expansão das criações de gado para outras regiões e com isso tivemos por volta de 1839 a conquista do território até então chamado pelos indígenas de Butiatuba onde mais tarde passaria a ser Palmas, situado entre os rios Iguaçu e Uruguai e fazendo fronteira com Guarapuava, província de SC e RS e também a República da Argentina.

A conquista e ocupação deste novo território teve como líder José Ferreira dos Santos e Pedro de Siqueira Côrtes ambos cidadãos guarapuavanos, ficando entendido assim que a ocupação foi na verdade uma extensão da sociedade campeira de Curitiba e Castro. (ABREU, 1985).

Assim entende-se que a

...pressa pois, dos grupos liderados por José Ferreira dos Santos e Pedro Siqueira Cortes, para chegar aos Campos de Palmas, é menos fruto de uma rivalidade entre si, do que o desejo de impedir que os paulistas protegidos pelo governo provincial se apoderassem das riquezas que aqueles campos representavam para o futuro. O controle, pois, desses campos deveria ficar entre os que já habitavam Guarapuava e não cair em mãos de paulistas desconhecidos (SAMPAIO, 1981, p. 26).

Estava então ocupado a região dos Campos de Palmas, logo se é instalado criações de gado bovino, equino, muar, ovino e também suíno estabelecendo assim a atividade econômica que prevaleceria na região e deixando a erva-mate como setor secundário do presente local. Lembrando que a sociedade palmense não desenvolve costumes ligados à área agrícola (apenas subsistência) devido as grandes dificuldades encontradas em relação as vias de transporte e comunicação.

Sob domínio de Guarapuava, em 28 de fevereiro de 1855 sob a lei nº 22, sancionada pelo então presidente da Província do Paraná Zacarias Góes e Vasconcelos é criada a freguesia do Senhor Bom Jesus de Palmas, sendo este elevado à categoria de vila apenas em 1877.

No século XIX a maioria da população palmense era oriunda de paranaenses, mas havia uma parcela de população oriunda de São Paulo e das províncias de SC, RS e também Argentina, está que também mantinha troca e venda de animais com o então território de Palmas. Sendo o país que mais tarde entraria com pedido de posse desse território, sendo o caso dessa disputa conhecida como Questão de Palmas,

lembrando também que vamos ter disputas pelo mesmo território com a província vizinha, Santa Catarina. Disputas essas que serão abordadas em outro momento mais oportuno.

Até meados do século XX Palmas é considerada uma sociedade pré-capitalista por manter sua estrutura tradicional, voltada apenas para comércio e criação de animais. Além de ser uma sociedade bastante hierarquizada, sendo senhor-escravo, patrão-agregado e assim sucessivamente, aonde a autoridade política e social caberia sendo na origem da própria terra, acordos firmados entre familiares, laços criados sob dependência do coronelismo dito “paternalista”. Sendo estas terras passadas de geração para geração.

Em 1840 estima-se que estavam estabelecidas umas 37 fazendas com aproximadamente 36.000 cabeças de gado, sendo esses dados imprecisos. Os fazendeiros já instalados por definitivo na região dos Campos de Palmas, dão continuidade as atividades de criação e para Wachowicz (1985, p. 60) em meados dos anos de 1870, Palmas já tinha sinais de alguma organização, sendo a tendência agora o fortalecimento da região, dando a expansão de seu núcleo urbano.

Mas afinal como se organizava uma fazenda? A primeira medida tomada pelo fazendeiro em início de ocupação, era a procura por um “mato” denso próximo a rios e lagos, com uma vasta quantidade de capões para alimentar as suas reses. Em seguida era feito o pedido de sesmaria para que assim pudessem começar as construções de moradias, currais, plantio para subsistência entre outros inúmeros itens referentes a moradia.

À medida que o gado ia aumentando os fazendeiros separavam os mesmos em novos currais para que assim conseguissem alimentar adequadamente os animais, já que em um determinado período do ano o capim a principal fonte de alimento dos animais ficava mais grosso e crescia rapidamente, fazendo assim com a alimentação do gado ficasse praticamente imprópria.

Para que se pudesse cuidar e efetuar todos os serviços necessários das fazendas, os senhores dispunham de mão de obra escravizada não em grande número, mas possuíam, além de trabalhadores “livres”, ou aqueles que mesmo sendo livre dependiam do senhor por algum motivo (dívida, moradia, etc.). Assim temos:

Desde o início, foi marcante a presença de cativos de origem africana nas regiões pastoris, empregados nas mais diversas formas de trabalho. Eram essenciais para a produção de alimentos e manutenção das fazendas. O trabalhador escravizado desempenhou também a função de peão e em algumas regiões durante a ausência do dono, esteve responsável pela fazenda. (MAESTRI: 1994, 76-78).

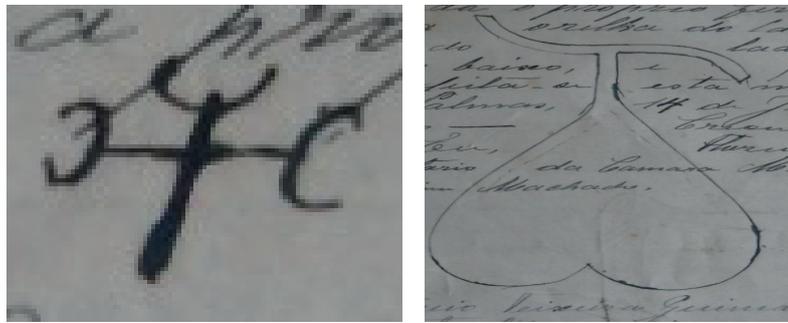


Foto: LRCA

Jacob Gorender diferencia a relação do escravismo na pecuária com a que se fazia nas plantações de café e cana, pois para se cuidar dos animais “bastava de 15 a 20 homens no máximo, variando essa quantidade para o tamanho da propriedade” (GORENDER, 2010, p. 250).

Como neste período não se havia cercas que delimitavam as fazendas, os gados eram criados soltos e muitas vezes se misturam com os de outros fazendeiros, dificultando assim a classificação dos mesmos. Diante disso, era necessário fazer as marcações nas reses para assim conseguir identifica-las das demais. Então era feito a marcação geralmente com ferro quente no dorso do animal, essa marcação geralmente possuía um símbolo que identificava o fazendeiro e assim facilitava a separação das criações.

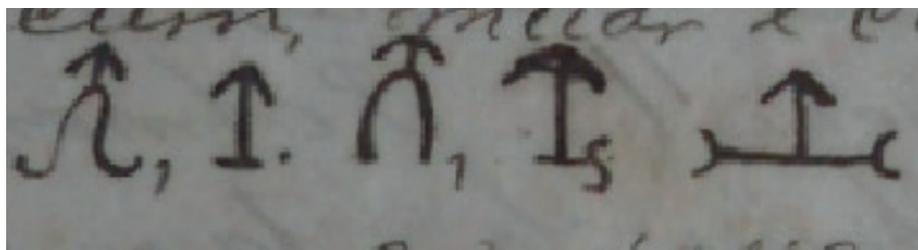


Foto: LRCA

Mesmo assim a pecuária não teria como deixar um registro material de sua presença, sendo que

Não há marcas que assinalem a grandeza dessa conquista. Só a tradição oral e pura tradição oral, mantém a eternidade desses feitos poderosos. Tradição transmitida de pais a filhos por gente que só se fixa na velhice quando não mais pode suportar as agruras e os dissabores os cansaços e as privações das longas jornadas. (SODRÉ, 1941, p. 88).

O ato de ferrar o animal para lhe classificar enquanto pertence de um fazendeiro, era comum não apenas nos Campos de Palmas como em todo o território Nacional, e essas marcações eram cheias de símbolos com todo um significado que após ser confeccionado por um ferreiro eram registradas.

A marcação se inicia com a separação e o confinamento do gado a ser marcado,

em um curral pequeno para facilitar a captura. Um a um, os animais são laçados pelo vaqueiro, que, experiente, joga a corda ao ar, rodopiando em uma trajetória certa, desenhada para enlaçar a rês... (PAES, 2012, p. 27).

Geralmente o fazendeiro se dirigia até a câmara municipal, prefeitura, fórum ou qualquer outro órgão que para o período demonstrasse a validade do símbolo. Após isso, as reses eram conhecidas apenas pelos símbolos e assim tanto compradores como peões e fazendeiros reconheciam suas criações. Esses símbolos geralmente eram desenhados a mão antes de serem moldados pelo artesão e carregavam neles letras, desenhos, números, variando conforme a solicitação do fazendeiro.

De acordo com esta tradição, as marcas surgem a partir de um desenho inicial que serve de base para toda uma família. Nessa base, que pode ser identificável ou não, os descendentes acrescentam ou subtraem traços de acordo com seus critérios pessoais, criando novas marcas originais capazes de diferenciar suas posses. Mas essa não representa a única forma de se criar uma marca. Os filhos podem, simplesmente, usar a mesma marca do pai, acrescentando um segundo ferro com um número que os caracterize ou podem, ainda, criar uma marca totalmente original (PAES, 2012, p. 14).

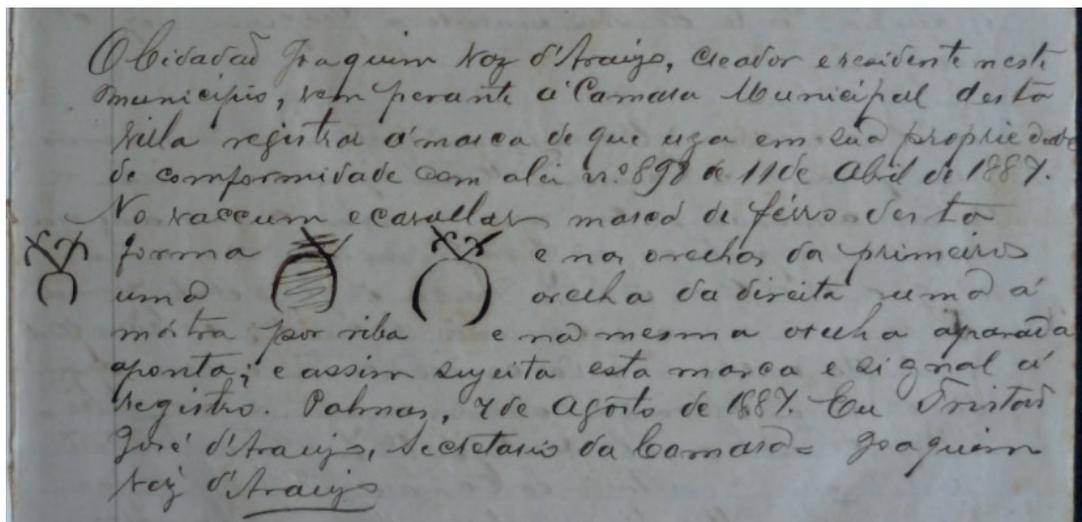


Foto: LRCA

Sobre essa tradição da ferra, é possível apresentar várias possibilidades de reflexões acerca das simbologias carregadas nesses símbolos, os valores que neles são atribuídos pelo homem do sertão, pois essas marcas no couro do animal são capazes de representar uma propriedade como um todo, não apenas a criação, mas uma família por completo.

Tendo isso em mente, podemos perceber a cultura medieval que trazia os brasões e armas representando todo um contexto, aqui temos as marcas de ferra representando todo um contexto cultural, levado de geração para geração sob os moldes medievais. Por fim, pode se buscar a semiótica para se analisar e entender melhor toda essa questão de símbolos, signos e assim por diante presente e muito nas marcas de ferra o gado nos Campos de Palmas.

Com isso pode se classificar que

A semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido. (SANTAELLA, 1998, p. 2).

Assim, ao analisar essa tradição introduzida primeiramente no norte do país e posteriormente ao Sul mais especificamente no Estado do Rio Grande e no Estado do Paraná, nos campos de Palmas, notamos que este ato muito antigo foi capaz de organizar e hierarquizar toda uma região. Deixando assim, fontes para estudos posteriores em nível de História Regional.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta análise, buscou-se retratar de forma bem sucinta a tradição de marcação dos animais nos Campos de Palmas. Todos os dados e informações apresentados têm como fundamento o Livro de Registro que se encontra sob os cuidados do IFPR. Ressalta-se que este artigo foi pensado e elaborado sob uma pequena parcela da fonte analisada e que posteriormente a mesma será apresentada e organizada aos moldes de uma dissertação para conclusão do Mestrado em História, que já se encontra em andamento.

Assim, deixa-se claro que este trabalho não se dá por concluído. Por ser um tema muito amplo e de inúmeras possibilidades de estudos, reforça-se a necessidade de continuação e levantamento de mais dados para a finalização da dissertação como um todo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alcioly T.G. de. **A Posse e o uso da terra; modernização agropecuária de Guarapuava**. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1981 (Dissertação de Mestrado).

ALMEIDA, Paulo Roberto de. **Formação da Diplomacia Econômica no Brasil**: As relações econômicas Internacionais no Império. São Paulo: Ed. SENAC, 2001.

BALHANA, Altiva Pilatti; WESTPHALEN, Cecília Maria. Fazendas do Paraná provincial. In: **Simpósio nacional dos professores universitários de História**, 8. 1975, Aracaju. Anais do VIII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História. A propriedade rural. São Paulo: FFLCH- USP, 1976. V.2, p. 391- 406.

BARROSO, Gustavo. **Terra de Sol**. 6. Ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Editora DIFEL, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: Sobre a teoria da ação. Pierre Bourdieu: Tradução: Mariza Corrêa – Campinas, SP: Papius, 1996.

BRAZIL, Maria do Carmo. Sobre os campos de vacaria do Sul de Mato Grosso: considerações sobre terra e escravidão (1830 – 1889). In: MAESTRI, Mário & BRAZIL, M.C. **Peões, vaqueiros e cativos campeiros: estudos sobre a economia pastoril no Brasil**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2009. Vol. 1. pp. 219- 250.

CANCIAN, Elaine, Propriedades pastoris e escravidão no Pantanal de Miranda (séc. 19). In: MAESTRI, Mário & BRAZIL, M.C. (org.). **Peões, vaqueiros e cativos campeiros: estudos sobre a economia pastoril no Brasil**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2009. Vol.1. pp. 251- 289.

CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano. 1 Artes de fazer. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: DIFEL, 1990.

ESSELIN, Paulo M. A pecuária bovina e o processo de ocupação do Pantanal Sul- Mato-Grossense. In MAESTRI, Mário & BRAZIL, M.C. (org.). et al. **Peões, vaqueiros e cativos campeiros: estudos sobre a economia pastoril no Brasil**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2009. Vol.1. pp. 290- 354.

ESSELIN, Paulo Marcos. **A pecuária bovina no processo de ocupação e desenvolvimento econômico do pantanal sul-mato-grossense (1830 – 1910)**. Dourados: UFGD, 2011.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 13. Ed., 1. Reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FERREIRA, Antonio celso. **A conquista do Sertão**. São Paulo: Atual, 2002.

FIABANI, Adelmir. Fazendas, cativos e gado na história do Tocantins. In: MAESTRI, Mário & LIMA, Solimar Oliveira (org.). et al. **Peões, vaqueiros & cativos campeiros: estudos sobre a economia pastoril do Brasil**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2010.Vol. 2, p. 53-88.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 17. Ed. São Paulo: Nacional, 1980.

GORENDER, Jacob. **O escravismo colonial**. – 4. Ed. – São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2010.

GOULART, José Alípio. **O Brasil do Boi e do Couro**. Rio de Janeiro, Edições GRD, 1966.

GUTIÉRRES, Horácio. **Donos de Terras e escravos no Paraná: padrões e hierarquias nas primeiras décadas do século XIX**. Revista História, São Paulo, v. 25, n. 1, 100-122, 2006.

LIMA, Solimar de Oliveira. Origens e espaços de produção das fazendas pastoris do Piauí. In: MAESTRI, Mário & BRAZIL, M. do C. (org.). et al. **Peões, vaqueiros & cativos campeiros: estudos sobre a economia pastoril no Brasil**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2009. Vol. 2. Pp. 355-381.

LAGO, Lourdes Stefanello. **Origem e evolução da população de Palmas – 1840-1899**. Dissertação de Mestrado em História. Florianópolis: UFSC, 1987.

MACHADO, Brasil Pinheiro. Contribuição ao estudo da história agrária do Paraná I: formação da estrutura agrária tradicional dos Campos Gerais. In: **Simpósio dos professores universitários de Histórias**, 2. 1962, Curitiba: Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná, [1963].

MACHADO, José Lucio da Silva. **O sertão e o cativo: escravidão e pastoreio: os Campos de Palmas – Paraná 1859- 1888**. Porto Alegre: FCM Editora, 2015.

MAESTRI, Mário. **O escravismo no Brasil**. 11. ed. São Paulo: Atual, 1994.

MAESTRI, Mário. Práticas corambreiras na Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul. In: MAESTRI, Mário & BRAZIL, Maria do Carmo. (Org.); **Peões, vaqueiros & cativos campeiros**: estudos sobre a economia pastoril no Brasil. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2009. Vol. 1.

MAESTRI, Mário & LIMA, Solimar Oliveira Lima. (Org.) et al. **Peões, vaqueiros & cativos campeiros**: estudos sobre a economia pastoril do Brasil. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2010. Vol. 2.

MAESTRI, Mário & SANTOS, Júlio R. Quevedo dos & ESSELIN, Paulo. **Peões, vaqueiros & cativos campeiros**: estudos sobre a economia pastoril do Brasil. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2010. Vol. 3.

MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Farol do Saber, 1995.

MENDES, Adilson Miranda. **Origem e Composição das Fortunas na Sociedade Tradicional Paranaense: Palmas – 1859 – 1903**. Dissertação de Mestrado, Curitiba: UFPR, 1989.

MONTET, Pierre. **O Egito no Tempo de Ramsés**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MOTT, Luiz. A pecuária no sertão do Piauí (1697- 1818). In: MAESTRI, Mário & BRAZIL, M. do C. (org.). **Peões, vaqueiros & cativos campeiros**: estudo sobre a economia pastoril do Brasil. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2010. Vol. 1. pp. 7-14.

PAES, Daniella. L.N. **Sob os signos das boiadas: as marcas de ferrar gado que povoam o sertão paraibano**. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro.

PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. 23. Ed. 3 reimpr: São Paulo, Brasiliense, 1999.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAMPAIO, José Nogueira. Fundação da Polícia Militar de São Paulo; **subsídios históricos**. 2.ed. São Paulo, s. ed., 1981.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

SIMONSEN, Roberto C. **História Econômica do Brasil: 1500/1820**. São Paulo: Nacional, 1978.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1941.

SOUZA, Bernardino José de. **Ciclo do carro de bois no Brasil**. São Paulo: Nacional, 1958.

SUASSUNA, Ariano. **Ferros do Cariri**: uma heráldica sertaneja. Recife: Editora Guariba, 1974.

WACHOWICZ, Ruy C. **Paraná Sudoeste: ocupação e colonização**. Curitiba: Litero- Técnica, 1985.

FONTES PRIMÁRIAS

INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ – CAMPUS DE PALMAS Livro de Registros e Marcas de Gado, 1887 – 1938.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Denise Pereira - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação

Elizabeth Johansen - Licenciada em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, especialista em História e Região, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, mestre em História, pela Universidade Federal do Paraná e doutora em Geografia, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Professora adjunta do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aracaju 8, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 381

Arquitetura 5, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 129, 130, 131, 134, 135, 253, 369, 370, 371, 372

Arte 5, 7, 58, 59, 72, 73, 77, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 169, 178, 216, 241, 252, 396, 398

C

Capuchinhos 97, 100, 102

Centro cultural castrolanda 7, 132, 135

Colégio imaculada conceição 6, 89, 93

Cultura 1, 10, 12, 13, 14, 18, 25, 26, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 55, 56, 57, 58, 60, 65, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 80, 82, 83, 84, 87, 94, 102, 107, 110, 114, 117, 118, 120, 121, 123, 124, 128, 129, 130, 134, 136, 149, 150, 151, 152, 155, 156, 178, 184, 186, 200, 215, 217, 230, 231, 263, 265, 320, 321, 323, 324, 327, 332, 333, 358, 361, 368, 375, 380, 386, 396, 397, 398, 399, 401

D

Discurso 10, 13, 14, 30, 39, 40, 59, 98, 100, 106, 115, 137, 141, 170, 175, 180, 181, 185, 189, 190, 191, 192, 197, 198, 232, 255, 258, 284, 327, 328, 329, 330, 335, 338, 339, 343, 345, 346, 386, 388, 389

Documento 31, 69, 96, 138, 140, 157, 158, 159, 160, 161, 168, 169, 172, 176, 187, 190, 192, 293, 297, 300, 344, 358, 369

E

Educação 1, 8, 9, 11, 12, 14, 48, 49, 51, 54, 56, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 106, 107, 108, 132, 134, 137, 151, 153, 200, 203, 228, 279, 281, 307, 312, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 335, 343, 345, 358, 364, 368, 386, 393, 399, 401, 402

Ensino de história 50, 51, 55, 401, 402

Escravidão 2, 4, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 35, 36, 51, 221, 223, 226, 227, 327, 382

Estudos organizacionais 1, 2, 3, 6, 11

Eurocentrismo 1, 2, 5, 12

F

Feira de santana 8, 211

Filosofia-teológica 97

Fotografias médicas 157

Foucault 5, 175, 178, 180, 181, 185, 186, 187, 189, 194, 198, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 335

Fronteiras 2, 10, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 33, 36, 58, 94, 108, 109, 110,

116, 117, 118, 120, 197, 221, 254, 255, 256, 257, 259, 270, 278, 321

G

Giro decolonial 5

H

História 1, 3, 4, 15, 16, 19, 20, 24, 25, 26, 27, 28, 35, 37, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 67, 68, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 96, 97, 98, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 110, 118, 120, 121, 124, 125, 126, 129, 130, 132, 134, 135, 138, 142, 143, 144, 145, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 168, 171, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 190, 197, 198, 201, 203, 206, 210, 211, 221, 226, 227, 229, 230, 233, 237, 239, 241, 243, 244, 245, 246, 252, 253, 254, 263, 265, 267, 274, 280, 286, 289, 291, 306, 307, 313, 317, 320, 321, 324, 326, 328, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 342, 345, 346, 347, 348, 349, 352, 363, 374, 375, 381, 382, 383, 384, 393, 394, 395, 397, 398, 399, 400, 401, 402

História da violência 180, 181, 198, 335

I

Infanticídio 7, 170, 171, 174, 175, 176, 177, 178, 183, 191, 322, 324

Intertextualidade 15, 167

Intervenção 3, 32, 120, 122, 124, 126, 128, 129, 130, 262, 267, 269, 297

L

Literatura 5, 6, 13, 14, 15, 16, 21, 55, 58, 72, 77, 81, 82, 115, 231, 238, 320, 338, 395

M

Manuais de ensino 7, 97, 98, 105

Memória 6, 16, 21, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 68, 72, 73, 76, 86, 120, 123, 129, 132, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 143, 144, 145, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 176, 177, 183, 198, 199, 215, 216, 219, 241, 245, 246, 253, 274, 314, 326, 327, 335, 354, 362, 363, 395, 397, 398, 401

Moda 7, 82, 108, 109, 110, 111, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 395

Modernização 8, 99, 125, 201, 211, 213, 215, 216, 217, 288, 293, 297, 298, 307, 312, 316, 381, 387, 391, 392

Montes claros 6, 89, 92

Museologia 5, 132, 138, 143, 145, 153, 155, 156, 157, 397

Museu 7, 10, 128, 130, 132, 135, 136, 137, 138, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 310, 361, 393, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402

N

Narrativa 7, 15, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 49, 86, 87, 100, 103, 104, 106, 109,

110, 134, 135, 141, 143, 145, 152, 154, 155, 156, 173, 211, 212, 241, 242, 243, 245, 246, 248, 249, 252, 338

P

Passado 1, 17, 38, 39, 40, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 60, 61, 65, 66, 72, 73, 74, 76, 77, 79, 80, 86, 87, 103, 107, 125, 129, 130, 134, 150, 151, 155, 156, 173, 178, 185, 216, 247, 248, 256, 258, 268, 270, 278, 295, 296, 341, 344, 345, 355, 369, 385, 397

Patrimônio 17, 23, 34, 120, 122, 123, 124, 125, 129, 130, 131, 132, 138, 144, 145, 152, 153, 200, 202, 383, 396, 397, 401

Pensamento 1, 3

Poder 1, 2, 3, 4, 6, 7, 11, 13, 14, 20, 28, 31, 40, 46, 49, 52, 53, 54, 61, 65, 68, 72, 79, 91, 93, 95, 98, 100, 102, 114, 124, 129, 146, 149, 151, 170, 171, 177, 178, 180, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 194, 196, 197, 198, 199, 213, 217, 231, 258, 260, 262, 266, 274, 279, 281, 283, 285, 287, 289, 297, 304, 305, 306, 311, 312, 313, 314, 316, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 339, 347, 349, 350, 351, 357, 359, 361, 362, 363, 371, 373, 381, 386, 387, 399

R

Relações familiares 219, 224, 226, 257

Relações sociais 25, 27, 35, 75, 99, 177, 213, 217, 350

Riqueza 8, 7, 25, 59, 163, 176, 200, 201, 203, 206, 209, 281, 283, 328, 350

S

Século XIX 9, 203, 349

Sociabilidades 211, 215, 217, 370

Sociedade 2, 3, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 18, 20, 25, 28, 32, 33, 35, 43, 45, 49, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 102, 106, 110, 115, 121, 125, 132, 138, 156, 167, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 200, 201, 202, 212, 213, 216, 219, 222, 235, 236, 239, 245, 280, 289, 292, 293, 294, 296, 297, 298, 299, 300, 303, 304, 306, 312, 313, 321, 324, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 344, 346, 347, 349, 350, 353, 363, 366, 367, 370, 371, 377, 378, 383, 392, 393, 397, 399, 400

Sujeitos 7, 9, 11, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 59, 156, 170, 171, 175, 177, 180, 183, 185, 186, 187, 188, 197, 212, 214, 226, 229, 256, 257, 291, 302, 306, 312, 313, 321, 322, 339, 350, 351, 397, 401

T

Tráfico de escravos 51, 219, 220, 222, 223, 226

V

Verdade 7, 10, 24, 32, 45, 49, 51, 53, 55, 58, 59, 65, 67, 70, 73, 102, 105, 111, 158, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 190,

191, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 241, 244, 245, 252, 258, 298, 315, 327, 328, 332,
333, 335, 339, 371, 377, 388, 391

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-650-8

